

O Globo 4-3-60

A CRÔNICA de Rubem Braga

O VELHINHO

É UM VELHINHO de ar humilde, que tem sua casinha em um subúrbio do Rio, ninguém dá nada por êle. Vale, talvez, algumas dezenas de milhões de cruzeiros — pois não é certo que um homem vale pelo que tem?

Gosta de viajar pelo interior do Estado do Rio, às vêzes vai até Minas ou o Espírito Santo — sempre de ônibus ou de trem. Conversa devagarinho com as pessoas que vai encontrando, gosta de falar sobre lavoura — “diz que a safra de milho êste ano está muito grande, não é? O preço já caiu para um têrço...”

Sua conversa agrada; êle quer saber quantos alqueires tem aquela fazenda — “muita mata? e o gado?” — e vai-se informando, sabendo das coisas. Não se interessa pelas fazendas prósperas, adora histórias de filhos de fazendeiros que estão estragando a propriedade, sujeitos roubados pelo administrador, metidos em negócios na cidade — e de repente se interessa por uma fazenda.

Dá gôsto assistir sua conversa com o fazendeiro. Leva semanas, até meses. Visita a fazenda, olha a lavoura, a criação, conversa com os colonos, examina a terra, mas não resolve nada. E' no Rio que se encontrará depois com o possível vendedor; confessa, aliás, que agora tem outra fazenda em vista, bota defeitos naquela. Quando o fazendeiro diz que também recebeu uma proposta, pede licença para perguntar — “quanto lhe botaram pela fazenda, doutor?” — e acha que sim, é um bom negócio, êle não pode oferecer tanto... “E' à vista, doutor?”

Porque sua força é esta: compra à vista. Quando, afinal, o outro lhe entrega a escritura, êle vai para a fazenda. Vende os móveis que houver, o chumbo do encanamento, o gado... E' um mestre em desmanchar fazenda, em cortar a mata, em liquidar aos poucos tudo o que a fazenda tem de fazenda; honestos alqueiros de milho se transformam em equivocós metros quadrados de lote.

“E aquela árvore tão bonita que tinha aqui na frente?” — lhe perguntei. “Tive de derrubar, doutor; estava ameaçando cair...”

E' mentira; seu filho me contou que êle vendeu a madeira por vinte contos. Era uma árvore de cem anos, plantada por um antigo fazendeiro, orgulho da sede, árvore mandada vir do estrangeiro, carvalho, sequóia ou baobá — os antigos fazendeiros podiam ter êsses caprichos.

E algum tempo depois o velhinho volta para seu subúrbio do Rio com mais algum dinheiro. “Aquela fazenda? Tive de dispor...”

RN